

LIVROS



Retrato de homem com seus escravos feito por Militão, fotógrafo responsável por importantes registros da cidade de São Paulo

História anônima

Dicionário de fotografia de Boris Kossoy ressalta a importância do grupo desconhecido de profissionais que registrou as primeiras imagens do país

ELAINE BITTENCOURT
de São Paulo

Geralmente um dicionário serve como obra de consulta, não para ser lido de ponta a ponta. Mas, no caso do mais novo livro de Boris Kossoy, "Dicionário Histórico Fotográfico Brasileiro — Fotógrafos e Ofício da Fotografia no Brasil (1833-1910)", a leitura tem o tom da descoberta.

Nos verbetes que compõem a obra, está devidamente registrada a atuação de fotógrafos conhecidos, como Marc Ferrez, Hercule Florence e Militão Augusto Azevedo, mas, principalmente o trabalho de uma legião de anônimos que deixou os estúdios para se aventurar, com suas câmeras tão difíceis de carregar, pelos cantos longínquos do país. Homens que nesta jornada, vagando de cidade em cidade, como diz o autor, "construíram a imagem deste país".

Há 30 anos às voltas com trabalhos sempre relacionados à imagem, Kossoy é um dos maiores especialistas do país sobre o assunto e montou uma obra de importância histórica. O dicionário, desdobramento da sua tese de livre-docência na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde também atua como professor do departamento de Jornalismo e Editoração, abre uma série de possibilidades de pesquisa acadêmica. Mas também pode ser interessante para o leigo, apresentado a um universo de curiosidades reveladoras do passado brasileiro.

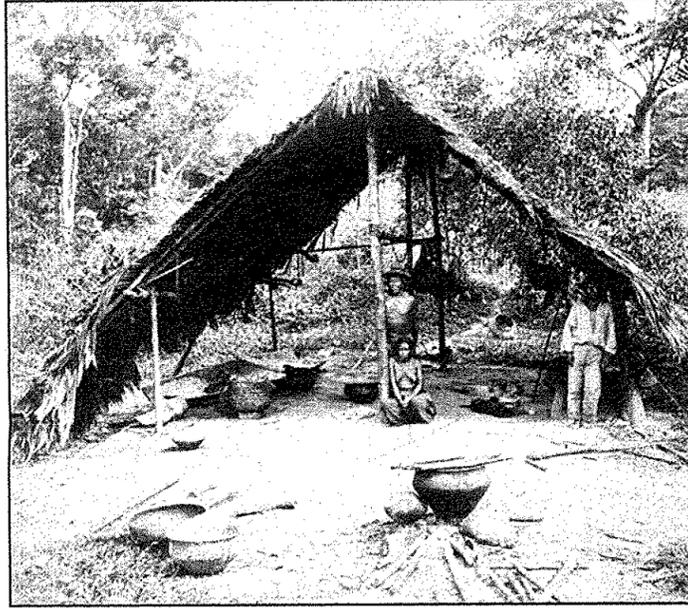
Décimo livro de Kossoy, a obra é consequência de todos estes anos de pesquisa do autor, que durante o período acumulado farta documentação sobre aqueles que foram os pioneiros da fotografia brasileira e fizeram dela sua profissão. "A idéia foi ter um sólido elemento de referência sobre a atividade no Brasil", diz. Para ter uma idéia da monumentalidade deste levantamento, estão devidamente registrados nos verbetes 900 fotógrafos atuantes no período definido pelo autor como limite, ou seja, de 1833 a 1910.

A primeira data remonta ao trabalho pioneiro de Antoine Hercule Romuald Florence, que em 1833 realizou suas primeiras experiên-

cias fotoquímicas. Foi o próprio Kossoy quem descobriu o trabalho de Florence e publicou um livro sobre esta história, em 1977. Segundo comprovou o pesquisador, Florence foi o inventor nas Américas de um processo de impressão de imagem em papéis sensibilizados com sais de prata e cloreto de ouro, pela ação da luz solar, sete anos antes do anúncio do invento de Louis Jacques Mandé Daguerre, o daguerreótipo, em 19 de agosto de 1839. No ano seguinte, d. Pedro II seria o responsável pela chegada do novo produto ao Brasil, do qual se tornaria um grande entusiasta.

Já a data de encerramento avança um pouco na idéia original, que era concluir a relação de fotógrafos atuantes como profissionais (os amadores foram excluídos) antes do início do século XX. Mas, observa o autor no próprio livro, muitos "se encontravam em atividade no final do século XIX, fosse como funcionários de algum estabelecimento, fosse como proprietários das próprias casas". Sobre outros fotógrafos, o autor só encontrou informações na primeira metade do século XX. Mas é possível, considera o autor, que já estivessem em atividade antes desse período. Por isso, optou por determinar 1910 como ano-limite.

Os textos que antecedem os



Uma das mais antigas imagens de indígenas do país, feita por A. Frish

verbetes não se limitam a explicar estas opções, evidentes já no título do livro. Pesquisador cuidadoso, Boris Kossoy, além de fazer uma introdução, explica seu processo metodológico. Mais que isso, evidencia o porquê da importância do seu dicionário. Ele situa pelo menos três pontos cruciais.

Um deles é o fornecimento de pistas sobre documentos fotográficos, tais como datas aproximadas e locais de origem de fotografias. "Esta é uma das contribuições mais importantes do livro", acredita Kossoy. "A partir destes dados, será possível datar documentos que estão em arquivos e sobre os quais não há muitas informações."

Relevante também será, ele crê, a contribuição para a elaboração da história da fotografia no Brasil, possível agora pela recuperação de seus atores principais, que, anonimamente, construíram a memória visual do país. "O que nos importa em tudo isso é que antes, quando se falava no assunto, estávamos nos referindo a quinze ou vinte fotógrafos." Agora, este universo foi ampliado de uma forma considerável, incluindo uma multidão de profissionais que durante décadas fizeram registros importantes da paisagem e do cotidiano da população bra-

sileira. "O trabalho que vem em seguida a este levantamento será menos penoso", diz Kossoy.

O livro apresenta toda uma história social de um ofício e uma profissão sobre a qual pouco se sabe. Mostra um pouco qual era a forma de trabalho adotada por aqueles que optaram por ganhar a vida fotografando. No início, a maior parte era formada por estrangeiros que vinham para cá fugindo da concorrência que já se tornava forte na Europa. Aqui, além de amearhar algum patrimônio antes de voltar, deixavam sua marca, ensinando uma geração de seguidores.

Com o crescimento da atividade, ao contrário do que se poderia imaginar, a maioria não se vinculou aos grandes centros, como o Rio de Janeiro, trabalhando apenas com retratos de estúdio. Ao contrário, tal como os caixeiros viajantes, esses fotógrafos pulavam de cidade em cidade buscando clientes, uma população já naquela época interessada em perpetuar sua imagem, um desejo possível, pois o preço cobrado para o registro era bastante acessível.

Alguns dos estrangeiros vinham aqui também para levar fotos da paisagem e de um modo de vida exótico, pois na época havia um grande interesse por estes registros etnográficos na Europa. O livro dá um exemplo dessa atuação, o trabalho do alemão A. Frish, que aqui realizou uma série de fotografias no Amazonas. Trata-se de um dos mais antigos registros de indígenas do país, provavelmente feito sob encomenda. O trabalho, que revela o cuidado do autor em documentar os nativos em seu meio, mostrando suas tabas e artefatos, foi posteriormente exibido na Exposição Universal de Paris de 1867 e chegou a merecer uma "menção honrosa". Curioso é notar que, apesar da importância dos registros, sobre o profissional não se pode precisar nem sequer seu primeiro nome.

Outra observação do autor sobre a forma de trabalho dos fotógrafos revela uma necessidade imposta pela complexidade do equipamento fotográfico. Isto transformava as viagens em eventos não muito simples. "Não há dúvida de que o sujeito não conseguia transportar tudo sozinho. O fotógrafo devia ter um ou dois ajudantes e estes certamente eram escravos", afirma Kossoy.

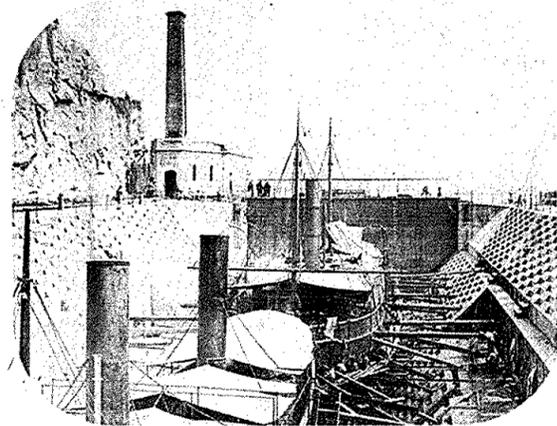
Um terceiro ponto destacado pelo autor sobre seu dicionário é a revelação da importância de periódicos e anúncios nos quais estes profissionais anunciavam seus serviços. Estes constituem importantes documentos de pesquisa não apenas sobre sua própria atuação, mas elementos para estudos da imprensa e da propaganda da época.

Ressaltadas estas questões, fica claro o desejo do autor de que este seu trabalho sirva como instrumento para esclarecimentos futuros sobre este passado, informações que não devem surgir só do meio acadêmico. Descendentes de fotógrafos têm procurado Kossoy para não apenas acrescentar dados, mas também para dizer que ainda guardam documentos de um destes pioneiros anônimos. O dicionário não pode ser encarado como um fim. A história da fotografia ainda está para ser contada no Brasil.

Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro
de Boris Kossoy
IMS, 408 págs., R\$ 78



Otto Hees: a família real pouco antes da proclamação da República



Estaleiro no Rio de Janeiro (1862), por Augusto Stahl